

O Príncipe e seu tradutor: estado, comunicação e ambientalismo na Europa

Carlos Potiara Castro

Pesquisador do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas - CEPPAC / UnB.

Endereço para correspondência:

SQN 410, BLOCO L, APT 201.

ASA NORTE - Brasília

70865-120, DF - Brasil

Recebido em 10/2008. Aceito em 12/2008.

1. APRESENTAÇÃO

O processo através do qual se vai ter uma real dimensão de finitude dos recursos naturais de nosso planeta vai levar a um debate sobre a relação que o ser humano estabeleceu desde sempre com a natureza em suas atividades econômicas e sociais. A dominação da natureza era visto como uma dádiva divina, um tipo de relação que estava na própria essência das coisas. Dominação essa que se expandiu aos mais remotos espaços geográficos do planeta. Essa “descoberta” da finitude dos recursos naturais vai ter, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, várias etapas, havendo uma modificação de seu próprio conteúdo, passando de uma preocupação mais tópica, com a possibilidade de acidentes ecológicos localizados, a uma noção muito real de problemas ambientais globais, que afetam a todos, sem distinção de classe ou de área geográfica. Exemplo de problema ambiental é o das mudanças climáticas, que vai trazer consigo sua resposta conceitual, o de desenvolvimento sustentável (GUIMARÃES, 2003).

O nosso estudo se volta para esse processo de modificação da percepção do próprio ambiente, por um lado, e da ação antrópica e suas consequências por outro. É um estudo que se quer de certa maneira confundir com a própria história da opinião pública e dos movimentos sociais, que vão dar uma conotação política, mas também científica, ao próprio debate sobre esse tema. Para tal escolhemos como eixo discursivo a questão das florestas tropicais úmidas, de um modo geral e mais especificamente, da floresta amazônica, enquanto valor simbólico no discurso ambientalista. Nossa preocupação não é portanto com aspectos físico-naturais da

floresta e sua função enquanto reserva de biodiversidade para as futuras gerações e de estabilização do clima do planeta.

Duas observações devem ser feitas aqui no que tange escolhas feitas, deve-se admitir com certa dose de intuição sobre a relevância de certos aspectos que ainda não são dados definitivos. O debate em torno da questão ambiental tal como se deu nas últimas três décadas está intimamente ligado aos avanços científicos que permitiram que se tivesse uma visão de conjunto do planeta. As informações dando conta de forma conclusiva ou não da situação alarmante em que se encontra o ambiente vão pouco a pouco chegar junto ao público em geral. Mas será sobretudo o público dos países europeus e da América do Norte que se sentirão num primeiro momento o mais preocupado com esse estado de coisas. Serão esses membros das classes médias urbanas dos países mais industrializados que tomarão as primeiras atitudes para proteger o ambiente da ação predatória do próprio ser humano. E como veremos, as ações de política interna, através das legislações nacionais e sobretudo as ações ao nível internacional, através das agências multilaterais e de organizações não-governamentais irá influenciar de forma fundamental todo o debate em torno da Amazônia e de outras florestas tropicais úmidas. Influência tal que definirá termos e conceitos dominantes, posicionamentos diante de novos fatos, eixos de novas pesquisas, os itens relevantes, enfim, da agenda ambiental mundial. A influência dos países do norte em todas as etapas da evolução do debate internacional sobre o ambiente será marcante. A inclusão da participação das populações locais dos países do sul no debate é bastante recente. Pois, "a dificuldade reside no fato que a realidade local faz toda a diferença. Um discurso globalizante fabricado nos países do norte que deseja aplicar em todos os lugares as mesmas receitas herdadas das lições de silvicultura ensinada na Europa nos anos 1950, ou pior, elaborado por economistas e ecólogos que nunca passaram mais que dois dias na floresta. Esse discurso não tem nenhuma chance de ser frutífero fora dos circuitos internacionais onde ele se auto-alimenta" (SMOUTS, 2001).

Restituir a dinâmica dos debates que aconteceram no exterior, nos países do norte, põe certamente uma série de dificuldades. Mas a sua compreensão pode constituir uma contribuição legítima no debate sobre as políticas públicas na América Latina para a proteção do ambiente. Pois foi a partir dessas dinâmicas entre atores estatais e sociedade civil do Norte que surgiram ações concretas nos países do Sul. A começar pelo transplante legislativo, com a adoção de textos de leis retirados diretamente do aparato legal de outros países, principalmente os Estados- Unidos. Mas também pela política multilateral de investimentos e pela ação de Ongs que já trazem, dependendo da época, algumas de idéias prontas.

Como no modelo da caixa preta na cibernética, não existe maneira de trazer de volta à tona o que se passou a não ser indagando a própria caixa. E podemos fazer isso buscando compreender o sentido dos discursos das Ongs e das instituições oficiais, buscando analisar as conseqüências em termos práticos no real. Aqui também fazemos a nossa aposta naquilo que foi publicado na grande imprensa. É preciso mitigar o valor desses artigos visto que eles não refletem sempre os fatos, mas também, e cada vez mais, estratégias comerciais empresariais. Ao mesmo tempo levaremos em conta nestas páginas preferencialmente a dinâmica européia no que diz respeito ao ambiente. E como precisaremos fazer escolhas, trabalharemos especialmente com a questão amazônica, em período entre o final dos anos 1970 e início dos 1990, sem contudo deixar de ligar o que se passou nesse tempo com os fatos que ocorreram antes e depois.

2. INTRODUÇÃO

A Amazônia de uma região geográfica que possui a sua importância enquanto floresta tropical passou a ser, há alguns anos, um símbolo político, portador de um significado específico, em dos temas mais importantes na agenda política mundial. Esse processo de mudança é perceptível ao longo do tempo, mas não se trata de um tipo de temática que entra por si só nas esferas de discussões e na cena política. Podíamos antecipar inclusive que é o contrário disso. Essa transformação simbólica se dá de uma forma concomitante com a ação militante e a pressão da opinião pública, que vai passar a demonstrar uma série de preocupações com o futuro do planeta. O mundo político teve de incluir os últimos espaços verdes das florestas tropicais úmidas de países do sul em seus horizontes.

O nascimento de partidos políticos verdes em vários países europeus e na América Latina é sintomático dessa mudança de rumos. Críticos da concepção mesma de política praticada pelos partidos tradicionais, eles tomam uma parte do espaço deixado pelos movimentos esquerdistas ao final dos anos 1960.

Pode-se tentar retrair a partir daquilo que foi publicado na imprensa o surgimento da Amazônia, enquanto símbolo, na Europa. Essas informações constituem uma importante base de documentação que pode ajudar na compreensão da evolução das mentalidades.

Foi sem dúvida graças às lutas realizadas conjuntamente pelos cidadãos diretamente tocados pelos projetos econômicos nos países em questão e pelos grupos militantes nos países mais desenvolvidos, que são as fontes de financiamentos, que houve alguns avanços na relação entre capital e ecologia.

O interesse do público da Europa do Oeste pela Amazônia nasce ao mesmo tempo em que há uma tomada de consciência pelos cidadãos dos perigos que pode acarretar os desequilíbrios ecológicos. O destino da maior floresta tropical do mundo se transformou, com esse processo de elaboração, símbolo de uma das principais preocupações ecológicas do mundo. A Amazônia entra por assim dizer na agenda política mundial com a emergência de uma certa idéia de proteção ao meio ambiente, do mesmo modo e quase concomitantemente com a ascensão eleitoral de uma nova força política, a dos partidos que representam as reivindicações ambientalistas.

Essa tomada de consciência aparece em intervalos a partir dos anos cinquenta e sessenta. E se origina a partir de diversos fatos, desde os problemas das grandes indústrias poluidoras nos Estados-Unidos nas décadas que seguem imediatamente o pós-guerra, passando pelos problemas colocados pela bipolaridade do mundo, onde começaria a aparecer de forma bastante palpável no imaginário ocidental uma guerra sem vencedores. É quando os problemas ambientais mais próximos vão se tornar mais palpáveis e visíveis para uma parte crescente da população. Dentre esses problemas observados a partir do período do pós-guerra podemos citar os perigos vistos na indústria nuclear civil, o crescimento das grandes cidades do mundo e, em consequência disso o aumento da poluição - em consequência principalmente da queima de combustível fóssil - esses problemas são seguidos pelo choque petrolífero de 1973 que exigiu de vários setores produtivos um maior esforço no sentido de se estabelecer uma maior racionalidade no consumo de energia e de bens que eram anteriormente usados de forma descontrolada. O ecológico passa a ser também o fruto de um mundo que reivindica para si uma outra forma de produção de bens e uma reforma no sistema capitalista de forma a torná-lo menos destruidor dos bens comuns.

Mas o fato individual mais importante talvez tenha sido a confirmação pelos cientistas já nos anos 1980 do processo de aquecimento global causado pelos gases liberados pela combustão de derivados de petróleo que provocam o efeito estufa. Em oposição ao processo de aquecimento provocado pelos gases de efeito estufa, as florestas tropicais úmidas, que ainda significam para o mundo urbano e ocidental lugares protegidos, ainda não tocados pelas mãos desastradas dos seres humanos. As florestas são os espaços onde a esperança por um mundo mais justo vai morar. E a floresta amazônica estará em primeiro lugar por suas dimensões. A Amazônia constitui então "uma figura emblemática da ligação entre uma crise ecológica e a crise do desenvolvimento. A Amazônia pode ser vista como um mito mobilizador" (LIPIETZ, 1990).

O rápido crescimento dos movimentos ambientalistas demonstra que a problemática do impacto da ação do homem sobre o ambiente ficou presente na

memória das pessoas, desde o início dos anos 1970. No entanto, o número de questões levantadas, junto com a definição de uma "agenda ambientalista", foi bastante diverso, da mesma forma que as interpretações e possíveis soluções aos problemas levantados. O discurso polivalente de "desenvolvimento sustentável" abriu espaço para movimentos relativamente radicais colaborarem com a definição de pautas para as políticas públicas. Ao mesmo tempo, outros movimentos radicais continuaram à margem, ocupando seu espaço, e por vezes recebendo cobertura positiva por parte da mídia sobre seus atos.

3. IMPRENSA E NOVOS MOVIMENTOS AMBIENTALISTAS

Para podermos trabalhar sobre essa temática com arquivos de material jornalístico devemos partir do pressuposto de que a imprensa representa o pensamento de uma determinada classe social, uma certa elite, ou pelo menos de um feixe de forças presentes na sociedade. O jornalista se posiciona, nessa ótica, como um observador de seu tempo que adota esse ponto de vista dominante.

Encontramos vários tipos de imprensa nos países estudados. De um modo geral, há jornais que se declaram de direita ou de esquerda, que vão deslocar o seu posicionamento favoravelmente ao ponto de vista de determinado ator ou classe social, seja ele representante dos interesses do capital, no primeiro caso, ou representante dos interesses do trabalho no segundo.

Teremos um terceiro tipo de posicionamento diante dos fatos que, na falta de outro termo melhor, é chamado pelos estudiosos da área de "neutro". Está claro, no entanto, que toda produção jornalística terá uma tendência de opinião em maior ou menor grau. Ao contrário do que se poderia pensar, de acordo com pesquisas realizadas a imprensa dita neutra adota um ponto de vista próximo àquele assumido pelo aparato estatal (GUMG, 1993). Trata-se, portanto, de uma imprensa que, fazendo parte do establishment, vai se comportar como uma instituição necessária ao funcionamento do estado. Esse posicionamento pretende dar representação, através da apresentação dos diversos discursos sobre o real, ao ponto de vista dos representantes das forças que estão presentes no estado burguês contemporâneo. Como tal, esses diários, cujo *Le Monde* talvez seja o melhor exemplo, aceita dar vazão a uma certa diversidade de discursos. Diversidade, no entanto, que se encontra dentro do estado e dentro da república.

Quando falamos, portanto, de neutralidade, estamos descrevendo o funcionamento de uma mídia que adota claramente os pontos de vista e as crenças de uma larga classe média que reproduz os valores de uma cultura burguesa e que vai encontrar os seus limites de abertura à diversidade de discursos presentes na

sociedade na própria participação ao contrato dominante que rege as relações de poder na sociedade.

Ora, o discurso dos grupos esquerdistas e ambientalistas que produziram as informações que nos interessam neste trabalho não eram reconhecidos por esse *establishment* e sua imprensa a não ser como marginais aos processos capitalistas dominantes. Não havia elementos que fizessem esperar toda a abertura que eles conheceram posteriormente.

Quando falamos que a imprensa representa em suas páginas o debate que se está dando na sociedade, estamos falando de um determinado tipo de confronto de idéias, com atores sociais bem definidos e desempenhando um certo tipo de papel.

Quando estudamos a produção jornalística temos que ter a exata medida do grau de representatividade do discurso do órgão de imprensa. Deparamos-nos com a necessidade de conhecer pelo menos parcialmente as forças políticas presentes em determinado momento histórico e as formas específicas de embate de cada uma. Trata-se de uma tarefa com certo grau de dificuldade mesmo para alguém que se dedica ao estudo da área. Fazer uma história do tempo contemporâneo requer ferramentas e experiências nem sempre disponíveis e por isso mesmo se faz necessária a leitura de fontes secundárias e terciárias.

Os historiadores dos movimentos sociais nos ajudaram de forma definitiva durante o trabalho. A história da esquerda europeia nos ajuda a situar a origem e a filiação política dos grupos ambientalistas.

Se por um lado os movimentos ambientalistas vão nascer um pouco em todas as partes da Europa como forças autônomas, vamos ver um fenômeno político diverso com a organização e participação nas eleições dos partidos verdes. Fenômeno que vai ser observado em dimensão única na Alemanha. Esses novos partidos vão, no entanto, ser organizados em vários países. Fora da Alemanha o sucesso eleitoral desses partidos vai ser menor e excluindo certos períodos, seu peso nas coligações governantes vai ser menos determinante.

4. QUADRO TEÓRICO

4.1. ESPAÇO PÚBLICO MEDIATIZADO E PRINCÍPIO LIBERAL DA INFORMAÇÃO

Será necessário voltar às origens da imprensa de grande público, no início do século XVII na Inglaterra para se fazer uma genealogia e poder ter uma idéia precisa da função desempenhada pelos jornais nas sociedades modernas e contemporâneas. Eles começam a substituir nessa época os panfletos para se tornar órgãos com uma publicação regular, concomitante com as mudanças pelas

quais passa a vida política, econômica e social da Europa. É quando a monarquia perde parte de seu poder em um movimento dialético de confronto de classes e que a vida pública começa a se concentrar nas atividades do parlamento que a imprensa se faz necessária sobretudo a uma parcela da sociedade que passa a gerar uma demanda por informações relativas ao funcionamento do estado de então.

A publicidade da esfera pública torna possível a uma classe gozando das capacidades intelectuais de produção de críticas ao poder a criação de um debate em torno dos temas em discussão no parlamento. A agenda das discussões parlamentares entra então em círculos literários, clubes, no seio do grupo familiar, para ser submetido a um ponto de vista que reivindica a moralização da atividade política.

Assim nascia a opinião pública, um novo elemento nas confrontações pelo poder que constituía antes de tudo uma arma das classes burguesas. Esse modelo se desenvolveu ainda mais quando o número de eleitores aumentou e quando a alternância dos partidos *Tories* e *Whigs* passa a se institucionalizar. Assim apareceram os grandes jornais dos séculos XVIII e XIX, que tinha por função informar a opinião pública burguesa.

O princípio de publicidade é então o princípio de controle que o público burguês opõe ao poder para colocar um termo à falta de clareza dos atos do estado absolutista. Criador de uma verdadeira esfera pública, esse princípio circunscreve a partir do século XVIII, um novo espaço político onde se tenta efetuar uma mediação entre a sociedade e o estado, sob a forma de uma opinião pública que visa transformar a natureza da dominação. Se apoiando em um determinado conjunto institucional, que permite o desenvolvimento de discussões públicas que têm por objeto questões de interesse geral, o princípio de publicidade submete a autoridade política ao tribunal de uma crítica racional.

Para Habermas, esse modelo liberal de funcionamento da esfera pública, além de repousar também na repressão de uma outra opinião pública, plebéia, se releva inadequado para dar conta do espaço político das democracias de massa, regidas por um estado social (Habermas, 1993). No seio desse estado, a esfera pública é caracterizada pelo desmembramento de suas funções de crítica. A publicidade hoje integra o tecido social, a opinião pública não sendo mais a força motriz desse esquema, mas a tentativa de construção de um consenso dividido por todos.

Ele considera que é na sociedade e no estado criado pelos valores liberais que as condições institucionais da comunicação política chegou mais longe. Mas como ela entra em choque com a lógica de funcionamento da economia capitalista, ela foi pouco a pouco esvaziada de sua substância e desviada de seus

objetivos em proveito de um estado dominado pela elite e potências econômicas em suas mais diversas formas. Habermas resume a sua tese nessas poucas palavras:

"É de um lado no sistema político do estado constitucional burguês que se institucionalizou pela primeira vez de maneira eficaz a ficção da formação para a discussão de uma vontade capaz de pôr fim à dominação; por outro lado surge a impossibilidade de conciliar os imperativos do sistema econômico burguês com as exigências próprias à formação de uma vontade democrática. O princípio de publicidade, que, baseado na existência de um público composto de indivíduos cultos, amadores de arte e capazes de razão, se impôs antes de tudo por meio da imprensa burguesa como uma função crítica indiscutível em face das práticas secretas do estado absoluto e que se protegiam atrás dos rituais dos órgãos constitucionais do estado, se encontra desviado de seu objetivo inicial e usado para fins de justificação de atos de manipulação" (Habermas, 1975).

Certos pesquisadores se perguntam sobre a pertinência de se admitir a existência da opinião pública enquanto tal. Habermas aceita essa ficção e a reconhece como sendo constituinte do próprio princípio da estrutura do campo político no estado moderno e é para ele necessário examinar o seu porvir e a sua eficácia.

Podemos questionar a existência ou não de uma opinião pública enquanto instituição representativa da vontade de um coletivo não homogêneo. Podemos lembrar que os humores da opinião pública, tal como são apresentados para a sociedade, nada mais são do que os resultados da aplicação, por especialistas da área, de métodos qualitativos e quantitativos das ciências sociais a um determinado objeto. É portanto legítima a discussão em torno da validade de tal conceito. No entanto não se pode negar a existência de uma opinião majoritária sobre determinados assuntos públicos, formada ou não por influência de elites econômicas, políticas e intelectuais. Não podemos apenas discutir se ela existe, mas também que ela pode ser influenciada e manipulada. O exemplo do trabalho de gestão da comunicação feito pelos militares durante os períodos de guerra desde a década de oitenta demonstra que a opinião pública medida pelos institutos de pesquisa, mais do que ser vista enquanto apenas instituição independente e reguladora, pode na verdade, como nesse caso, ser a reação dos cidadãos a um ato de comunicação estratégica (HARRIS: 1983; CASTRO: 1996¹).

Sobre a relação entre a opinião pública e a questão ambiental, é necessário observar que a cobertura midiática de um modo geral e especificamente sobre a Amazônia não é uniforme. As diferentes perspectivas mudam de acordo com muitas variáveis, como a proximidade do mundo político e

institucional, daquele que produz informação, do ponto de vista das empresas ou ainda dos argumentos adiantados pelos ecologistas e outros atores sociais. Essas perspectivas não são apenas diferenças de estratégias de comunicação, mas modos diferentes de compreender o objeto, com uma linguagem e uma terminologia específica. Em sentido mais largo, se trata de maneiras diferentes de pensar o lugar que deve ocupar os ambientalistas em nossas sociedades ou sobre o direito que possui uma empresa de fazer o máximo para obter os lucros mais elevados.

4.2. IMPRENSA E SIMBOLISMO DO CAMPO POLÍTICO

Em trabalho relevante para nossa pesquisa, Louis Queré faz um estudo sobre o trabalho social que levam a cabo os meios de comunicação de massa e as mudanças provocadas nas sociedades quando se transforma a estrutura das possibilidades - simbólicas e técnicas - de comunicação. Para esse pesquisador da EHESS,

"O poder (dos meios de comunicação) não é um poder entre outros, posicionado num universo de interesses e de relação de forças. Ele reside em seu papel de fundação. Ele é correlativo do funcionamento enquanto suporte prático de um modo histórico de objetivação da mediação simbólica constituinte de um sistema sociocultural. Ele está ligado à produção narrativa que eles organizam. Eles constroem o teatro das práticas sociais; eles dão um assento à identidade e à ação individual e coletiva. Mas em sua função de fundação do campo social, eles entram em concorrência e muitas vezes em contradição com outros rituais, outras formas de discursos e outros procedimentos de objetivação do espaço social" (QUERÉ, 1982: 154).

Quer dizer que se o simbólico é de fato a forma através da qual o campo político se expressa, então são os meios de comunicação, enquanto repetidores dos discursos presentes nas sociedades e que alimentam o imaginário do público, que fazem a difusão da mensagem que as formas tradicionais de poder querem fazer passar. Uma das fontes de legitimação dos meios de comunicação junto ao público desempenha portanto, esse papel de mediação².

Os meios de comunicação de massa têm a tendência intrínseca a informar o público de todas as atividades do estado, inclusive dividindo os produtos jornalísticos produzidos em seções que se assemelham com as divisões das funções de estados em pastas ministeriais. Do ponto de vista da estrutura de

funcionamento dos meios de comunicação, eles vão guardar sempre uma estreita relação com o estado.

Para De Certeau, outro autor que trabalhou com esse tema,

"Esses atributos (do jornalista, de fazer a ponte entre o poder do príncipe e o resto da população e o discurso que os articula continuam a definir o campo das práticas jornalísticas. Esse campo comporta três pólos, entre os quais se estabelece um conjunto de interações que interessa desvendar: o *poder* (essencialmente o poder político), o público e o jornalista com o arsenal tecnológico que ele dispõe para cumprir sua missão (...)"...

De Certeau diz ainda, explicando melhor essa forma de interpretação, de fundo habermasiano da imprensa:

"Colocado próximo ao príncipe para o tornar visível, ele constrói um discurso coerente destinado a relatar, distanciado, sua estratégia, suas tergiversações, seus golpes. Ele dá lições de governo sem conhecer as responsabilidades nem os riscos, ele pensa o poder que ele não tem. Ele fica em permanência à escuta da opinião comum da qual incorpora as esquematizações e as representações em seu relato sobre os gestos e as palavras do poder" (CERTEAU, 1975).

Na verdade essa proximidade marca uma grande distância, que acaba por colocar o público em posição de mero espectador. Esse distanciamento se transforma então em uma relação pedagógica e o discurso jornalístico toma uma forma didática. "Seu ato de palavra se metamorfoseia em ato de autoridade, ele se coloca como apóstolo do iluminismo" (QUERÉ, 1982:163).

Em nossas sociedades, o poder tem necessidade de ser representado e mais precisamente, relatado. A identificação ficcional do jornalista ao poder que é ator da história e ao poder mestre da organização social, expressa essa reciprocidade necessária entre a posição de poder total procurada pelo campo político e a representação narrativa dos gestos, das palavras e dos atos onde se manifestam esse poder. Ora, esse relato deve ser produzido por uma instância formalmente distinta do poder, para que ele seja produtor de verdade e de universalidade. O sujeito narrador de tal discurso, caso fosse o próprio poder que o produzisse, nada mais seria senão um *eu entre outros*. Ora, o poder não conta a sua própria história, ele faz a história.

Representando assim o cálculo estratégico do poder, a posicionar o poder como potência, a informação vem a criar um espaço em perspectiva e a distribuir os personagens. Ela institui o espaço social como teatro fazendo coexistir numa

mesma cena de ficção manequins aos quais os atores históricos se identificam. A história é o relato da maneira segundo a qual o poder se assegura do domínio desse campo. "Quando ele representa o cálculo estratégico desse, ele compõe e descreve o campo perspectivo que se descobre desde esse ponto de vista; de mesmo que distribui os atores da história tais quais eles aparecem percebidos desse local do poder" (QUERÉ: 1982).

O jornalista, que age como o tradutor da racionalidade do poder, se posiciona para ver o mundo a partir do ponto de vista adotado pelo estado. Por outro lado, tudo o que não está em seu campo de visão ou tudo o que não entra na racionalidade do estado vai ficar para o jornalista uma atividade social sem legitimidade, uma atividade inexistente, que não tem espaço e direitos. Quer dizer que uma parte maciça das práticas sociais, aquelas muitas vezes mais próximas do cotidiano dos cidadãos, se torna subterrânea, opaca, inacessível, porque ela é regida por uma outra lógica de ação (obrigações simbólicas ou táticas). Esse princípio explica porque os novos movimentos sociais e grupos de ativistas políticos alternativos têm tanta dificuldade em passar seus discursos. Eles devem, antes disso, se legitimar, nem que seja através de suas ações (e não de discursos) diante do estado. Essa foi uma das dificuldades encontradas por certos grupos organizados de militantes na Amazônia. Mas também se pode dizer o mesmo de ONGs européias que não conseguem divulgar o seu ponto de vista sobre os mais diversos temas. Isso aconteceu apenas quando do assassinato de Chico Mendes e a subsequente reação do público estrangeiro.

Na realidade, a fonte desse poder reside em um mecanismo muito simples cuja fórmula é dada pela equação segundo a qual "relatar é fazer conceber" (Marin, 1979). Representar é colocar em cena fragmentos de situações, de ações e de eventos para que em forma de concepções, imagens ou semblantes elas sejam convertidas e lembradas. Em sua análise do poder, Marin colocou em evidência que nunca há coincidência entre o referencial do discurso endereçado e aquele do discurso recebido, e que é na capacidade em manter essa distância e assimetria que reside o segredo do poder de representação.

Nessa relação comunicacional as instâncias de emissão e de recepção têm cada uma o seu lugar, cada uma o seu papel. Quando o jornalista informa o leitor ele estabelece uma relação hierárquica onde um possui o saber e outro não. Uma relação que se quer didática, portanto. O primeiro se endereçando ao seu leitor ideal e o segundo tentando ocupar esse lugar imaginário.

De repente, a história se mostra conforme a esses esquemas cujo público é equipado antes de toda leitura. Trata-se da comunhão de uma estrutura universal do discurso (Barthes, 1979). Aliás, o fato que o discurso jornalístico explique a causalidade pela sucessão temporal facilita essa projeção. A história se torna

atualização de esquemas pré-construídos de interpretação, preenchimento de imagens e por atos e por discursos transmitidos.

5. ANÁLISES:

5.1. O IMAGINÁRIO DO LONGÍNQUO E DO EXÓTICO:

Os artigos que consultamos, cobrindo o final dos anos setenta têm em comum uma visão muito distanciada da realidade latino-americana em geral e amazônica em particular. Existe de fato uma consciência de que a floresta poderia ser preservada, ao contrário do que aconteceu nos países da Europa e Estados- Unidos.

Essas "fórmulas" que voltam com maior ou menor intensidade nos artigos consultados remetem à questão, que aliás é objeto de discussão para os antropólogos, da relação do viajante com o outro e a sociedade onde vive.

No entanto, no caso dos jornalistas, eles podem vir a ter uma atitude igual àquela que eles imaginam que o seu leitor médio teria em seu lugar (QUERÉ: 1982). Ou seja, desejando adotar um ponto de vista fictício sobre um lugar longínquo, semelhante àquele que compra um jornal em Londres, Barcelona ou Paris, o jornalista nada mais faz senão se afastar mais ainda do mundo no qual se encontra de fato. Ele tenta então encontrar no ambiente cultural das grandes cidades européias princípios explicativos àquele objeto que ele está se negando ou tem dificuldade de conhecer. Ele receia de certo modo de cair um vazio simbólico, de não encontrar um meio de descrever em seu artigo a experiência que está tendo.

Segundo a teoria do espaço público que remete à idéia de um jornalista narrador da história do Estado, em contato com o outro, distanciada da sociedade à qual pertence, o comunicador teria uma tendência a se remeter a princípios explicativos presentes nas grandes narrativas da cultura de onde é proveniente e, por conseguinte querendo ou não a perder precisão na descrição dos fatos. Fazendo parte do mundo das instituições, desempenhando papel fundamental no funcionamento mesmo da vida política destas sociedades, ele não pode se passar desse contato íntimo com o sentido da história do Estado e da Nação.

O jornal francês Libération colocou em seu título por exemplo no dia 20 de outubro de 1980.

"Amazone: les vandales multinationaux. Dans cinquante ans l'enfer vert ne sera peut-être qu'un désert." [Amazônia: os vândalos multinacionais. Dentro de cinquenta anos o inferno verde será talvez apenas um deserto.]

Em artigo escrito pelo enviado especial do jornal inglês The Times do dia 8 de março de 1980 podemos ler o seguinte:

"The glittering jewel in green hell"

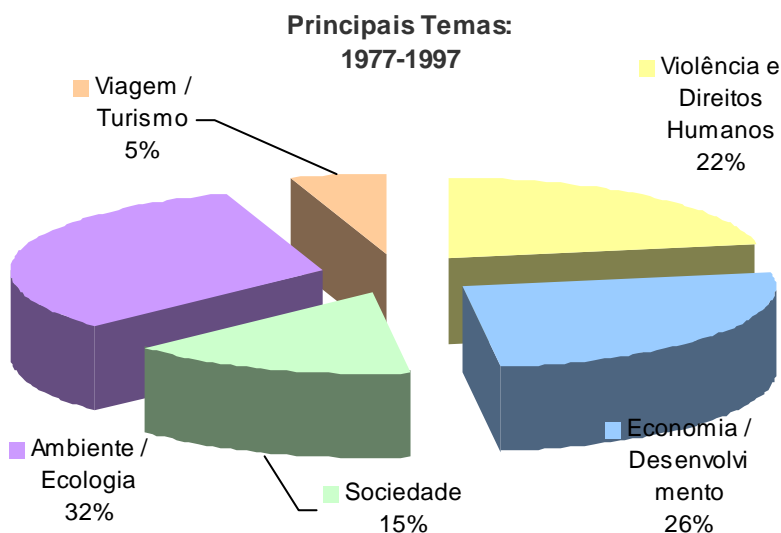
Deep in the Amazon jungle lies the city of Manaus, a thousand miles from de the sea, and from anywhere else for that matter (...). The jungle encroached, the ships stopped coming.

But somebody had the idea of making a free zone. Once again prosperous, once again an incongruous oasis in the endless sea of green.

The city is now an incongruous juxtaposition of the most primitive in Brazil, with the country's, even the world's, most sophisticated (...). But the hut will have no floor, its roof may be made of leaves, there will be no drains, and its occupants may well be suffering from tropical disease.

There's really not much to do in the isolated city, either, and the torrid climate, coupled with money to spend, sometimes brings violence. But this is the Green Hell of Amazonia after all.

Figura 1:



Fonte: Pesquisa junto ao Cidic

Podemos citar igualmente esses títulos publicados com certa conotação ficcional.

"The opening-up of the Amazon". "End of the bandit era" - no Financial Times, 13 de Janeiro de 1978.

"Jungle story, or how the west is being won" - The Times, 11 de Março de 1978.

"L'Amazonie ou la conquête de l'Ouest" [A Amazônia, ou a conquista do Oeste] - La Croix, 25 de outubro de 1978.

"La saga des garimpeiros ou quand les Etats se mêlent de surveiller leurs frontières" - Journal de Genève, 18 de janeiro de 1980.

No Figaro de 6 de julho de 1983 podemos ler ainda o seguinte resumo:

Enfer vert, poumon du monde, fascinante et inquiétante, cachant l'or et la pierrerie sous la pourriture d'une végétation en décomposition, dissimulant la mygale sous le chatoiement de l'orchidée, l'Amazonie a toujours suscité les rêves les plus fous où se mêlent la fortune et l'aventure. Depuis quelques dizaines d'années, les hommes se sont lancés à l'assaut de la jungle, bien décidés à exploiter cette nouvelle caverne d'Ali Baba enfouie dans l'enchevêtrement des arbres et des lianes, gardée par les jaguars, les piranhas, les fourmis mangeuses d'hommes, les caïmans et les serpents (...).

[Inferno verde, pulmão do mundo, fascinante e inquietante, escondendo o ouro e as pedras preciosas debaixo da podridão de uma vegetação em decomposição, dissimulando a aranha caranguejeira sob o sombra da orquídea, a Amazônia suscitou sempre os sonhos mais loucos onde se misturam fortuna e aventura. Há algumas décadas, os homens se lançaram ao assalto da floresta, decididos a explorar essa nova caverna de Ali-Babá escondida no emaranhamento das árvores e dos cipós, guardada pelos jaguares, as piranhas, as formigas devorados de homens, os jacarés e as cobras (...).]

E no Le Monde de 9 de outubro de 1978 encontramos um artigo de Pierre Monbeig, do CNRS, que dá uma breve explicação dessas idéias prontas sobre a Amazônia. Esse artigo foi publicado quando do lançamento de um vôo Air France entre Paris e Manaus.

Les Français profitent de l'escale d'Air France à Manaus pour découvrir la forêt équatoriale (...).

Il est d'usage d'attribuer aux conditions naturelles la responsabilité du retard amazonien: le milieu équatorial avec sa chaleur, ses pluies, ses sols médiocres, sa fragile forêt dense, le risque annuel des inondations dans une plaine infinie, le cortège des germes pathogènes inhérent à un tel environnement - autant de causes généralement avancées pour expliquer la précarité de la condition humaine dans ces parages.

Or, si, avec Pierre Gourou, on compare le "bilan" amazonien à celui d'ensembles régionaux analogues - au bassin congolais par exemple - on voit qu'il n'est pas défavorable.

[Os franceses aproveitam a escala que faz a Air France em Manaus para descobrir a floresta tropical.

É costume atribuir às condições naturais a responsabilidade do atraso amazônico : o meio equatorial com seu calor, suas chuvas, seus solos mediocres, sua frágil floresta densa, o risco anual de inundações em uma planície infinita, o cortejo de germes potógenos inerentes a um tal ambiente - tantas causas geralmente apresentadas para explicar a precariedade da condição humana nessas regiões.

Ora, se com Pierre Gourou comparamos o saldo amazônico ao de conjuntos regionais análogos - à Bacia do rio Congo por exemplo - vemos que ele não é desfavorável.]

No final dos anos setenta e início dos oitenta, a imprensa se preocupa pouco com a questão amazônica. Nessa época, a região ainda não ganhou a importância que ela terá posteriormente na cena internacional. Os assuntos tratados na imprensa nessa época serão, no entanto, retomados em contexto diferente, quando surgir, a partir do final dos anos oitenta, uma nova consciência ecológica. A descrição do funcionamento e do papel da imprensa em nossas sociedades, portanto, feita por Louis Queré, parece se aproximar da realidade.

Podemos confirmar isso nos seguintes títulos:

"Amazon jungle invaded by land-hungry settlers" - The Times, 1 de Julho de 1977.

"Costly mistakes in the Amazon" - Financial Times, 8 de Novembro de 1977.

"Destroying the world's lung" - The Guardian, 12 de Março de 1979.

"Un grand trou dans la forêt" - Le Monde, 24 de agosto de 1980.

[Um grande buraco na floresta].

"Un échec désastreux: la transamazonienne" - La Croix, 15 de setembro de 1980.

[Uma derrota desastrosa : a Transamazônica]

Os temas tratados nesses artigos serão retomados posteriormente com uma nova roupagem.

5.2. ECONOMIA, DESENVOLVIMENTISMO E CAPITAL INTERNACIONAL:

A partir de um dado momento - notadamente em meados dos anos 1980 - os artigos consultados passaram a demonstrar uma preocupação maior, sobretudo com os rumos tomados pelos grandes projetos de desenvolvimento regional implementados pelo governo federal com o apoio de banco multilaterais.

O primeiro grande projeto será a construção da barragem de Tucuruí, etapa necessária aos projetos seguintes. Os primeiros problemas ligados a esse projeto vão surgir quando do preenchimento do reservatório da barragem - tanto do ponto de vista das populações locais que serão deslocadas quanto do ambiental quando serão inundados milhares de quilômetros quadrados de floresta virgem. Outros problemas surgirão quando da construção das linhas de transmissão da energia gerada pela usina hidrelétrica. Para desmatar de forma permanente o terreno por onde passariam os cabos de alta tensão, a Eletronorte, empresa dona da hidrelétrica, utilizou um produto conhecido como "agente laranja", de uso militar durante a guerra do Vietnã. Ocorreram dezenas de mortes, abortos involuntários, doenças graves de diversos tipos decorrentes de intoxicação pelo veneno presente na água que escoou para os igarapés e rios da região.

O segundo grande projeto, chamado de Grande Carajás foi implantado de tal forma que ele também provocou uma série de problemas para as populações locais e para o ambiente. Havia a necessidade para se assegurar o escoamento dos minerais da construção de uma ferrovia. As indenizações propostas pela Companhia Vale do Rio Doce foram contestadas pelos interessados, gerando inclusive a interdição da via férrea por uma tribo indígena com as terras atravessadas pelos trilhos.

Os garimpeiros da região do Grande Carajás estavam em permanente conflito com a CVRD que queria industrializar todas as minas de ouro da região, desempregando aqueles que trabalhavam de forma artesanal. Nesse conflito o Estado esteve de forma constante ao lado da empresa mineradora. Um protesto foi organizado pelos garimpeiros de Serra Pelada que interditaram uma ponte da

ferrovia. A polícia foi deslocada para Marabá com a missão de desobstruir a ponte a qualquer custo. Houve conflito com tiros. Muito se jogaram de cima da ponte. O número de desaparecidos e mortos é incerto, mas aproxima-se de 95 pessoas.

Durante o trabalho de pesquisa em jornais vamos ver a publicação de algumas notícias sobre o primeiro desses projetos. No Libération, de Paris, vemos no dia 18 de dezembro de 1983 o seguinte título:

"Amazonie: la peur de l'Agent Orange".

L'utilisation d'un défoliant par une entreprise chargée de la construction de centrales électriques dans le nord du Brésil, a entraîné la mort de 42 personnes. Une enquête est ouverte pour déterminer la nature du produit utilisé, très vraisemblablement des stocks d'"agent orange", cette arme chimique utilisée durant la guerre du Vietnam..

[Amazônia: o medo do Agente Laranja

O uso de um desfolhante por uma empresa encarregada da construção de centrais elétricas no norte do Brasil, levou à morte de 42 pessoas. Uma investigação está em curso para determinar a natureza do produto utilizado, muito provavelmente estoques de « Agente Laranja » , essa arma química usada durante a guerra do Vietnam].

O artigo de Christian Martin continua: Dioxine, "Agent Orange": deux mots qui font peur, associé à la catastrophe écologique de Seveso en Italie et à la guerre du Vietnam. Les deux terribles agents défoliants viennent-ils de frapper de nouveau au Brésil, sous le nom local de Tordon? Selon les autorités de l'Etat amazonien du Para, 42 personnes et "d'innombrables animaux" sont morts après le déboisement d'une longue percée dans la forêt pour l'installation de pylônes d'une ligne de haute tension. Enjeu: acheminer à Belem, en Amazonie orientale, l'électricité produite au barrage de Tucuruí (...). Il fallu donc déboiser massivement. Avec quels produits? L'enquête ouverte par le gouvernement de Brasília le dira peut-être, mais on d'ores et déjà de bonnes raisons de rappeler ce qui s'est passé au Vietnam, puis à Seveso. (...)

[Dioxina, "Agente Laranja": duas palavras que dão medo, associada à catástrofe ecológica de Seveso na Itália e à guerra do Vietnam. Os dois terríveis desfolhantes acabam de aparecer novamente no Brasil, sob o nome local de Tordon? Segundo as autoridades do estado amazônico do Pará, 42 pessoas e "inúmeros animais"

morreram depois do desmatamento de um longo trecho de floresta para a instalação de torres de uma linha de transmissão de alta tensão. Objetivo: leva a Belém, na Amazônia Oriental a eletricidade produzida pela barragem de Tucuruí (...). Foi necessário então desmatar massivamente. Com que produtos? A investigação aberta pelo governo de Brasília o dirá talvez, mas desde já há boas razões de relembrar o que se passou no Vietnã e depois em Seveso (...)]

No Le Monde será publicada uma nota no dia 7 de junho de 1984 informando que no Brasil (segundo a AFP):

"Toute une région de l'Amazonie serait menacée d'empoisonnement par des défoliants".

(...) Toujours selon le secrétaire à l'agriculture de l'Etat, les 16 tonnes d'herbicides répandues sur le chantier aurait déjà tué (...)

Depuis le lancement des travaux , en 1977, le barrage a été à l'origine d'autres scandales, notamment la faillite de l'entreprise chargée d'évacuer le bois de coupe. L'entreprise, appartenant à la Capemi (Mutuelle des Militaires) a dû être remplacée par des petites sociétés (...)

[«Toda uma região da Amazônia estaria ameaçada de envenenamento por desfolhantes ».

(...) De acordo com o secretário de agricultura do estado, as 16 toneladas de herbicida usados nos canteiros de obras já teria matado (...)

Desde o início dos trabalhos, em 1977, a hidrelétrica esteve na origem de outros escândalos, principalmente a falência da empresa encarregada de explorar a Madeira. A empresa, pertencente à Capemi (Previdência dos Militares) teve de ser substituída por pequenas firmas (...).

São esses exemplos de notícias que a opinião pública européia começará a receber. O fluxo de informação é extremamente reduzido, havendo apenas de vez em quando uma nota e mais raramente um artigo. Como veremos, o assassinato de Chico Mendes marcará o período de maior publicação de notícias referentes à Amazônia na imprensa européia. O Le Monde de 11 de novembro de 1984 abre uma manchete com a seguinte temática:

"Tucuruí, l'hydre de l'Amazonie", puis en bas:

Un barrage dévore tout sur son passage. L'électricité produite par la barrage de Tucuruí alimentera les mines de Carajas et les usines d'aluminium de Barcarena, près de Belem, et de Sao-Luis.

Réfugiés ou manifestants? à voir le campement et ses habitants, on pencherait pour des réfugiés (...) il y a aussi abondance de banderoles, avec slogans revendicatifs et même vengeurs: "A bas les multinationales qui dépouillent le pauvre!"; "nous voulons des terres et une maison!"; "le progrès, oui, mais pour qui?"...

Voilà des années qu'ils se battent contre le projet de barrage. Ils ont reçu l'appui des intellectuels contestataires de Belem, la capitale de l'Etat et bénéficient du soutien de la Commission Pastorale de la Terre - CPT (...) ainsi que du parti des travailleurs - PT, où se retrouvent militants catholiques, trotskistes ou maoïstes.

(...) Une commission a même été formée à Brasilia pour trouver un arrangement. Les indiens et le Syndicat des travailleurs de la terre, dont le président local a été assassiné le 4 juillet dernier, ont chacun envoyé une délégation.

"S'il n'y avait pas le CPT et le PT rien n'arriverait", explique tranquillement M. Claudio Formen, sorte de play-boy tropézien, propriétaire d'une fazenda de 26 000 hectares, nommé maire par le gouvernement militaire. Pour lui, aucun doute, le campement des paysans dépossédés n'est qu'un coup monté par l'extrême gauche. "Il y en a trente de Tucuui. Tous les autres sont infiltrés", dit-il en matière de preuve. Infiltrés? Il oublie simplement que c'est au contraire l'eau du barrage qui se répand sur leur terres. L'industrialisation à marche forcée ne s'infiltré pas. Elle submerge.

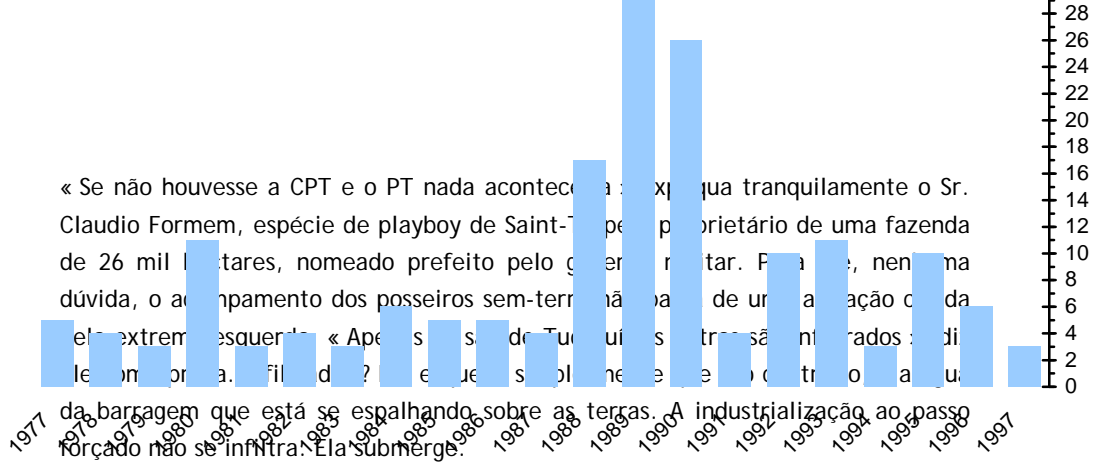
[Tucuri, a Hidra (de Lerna) da Amazônia.

Uma hidrelétrica devora tudo que estiver em seu caminho. A eletrecidade pela barragem de Tucuruí alimenta as minas de Carajás e as fabricas de alumínio de Barcareno, perto de Belém e de São Luis.

Refugiados ou manifestantes? vendo o acampamento e seus habitantes, tenderíamos a responder refugiados (...) há também uma abundância de faixas, com palavras de reivindicação e mesmo vingativas: « Abaixo as multinacionais que roubam os pobres » ; « queremos terras e uma casa » ; « progresso sim, mas para quem ? »...

[Já fazem anos que eles lutam contra o projeto de barragem. Eles receberam o apoio de intelectuais de oposição à ditadura de Belém, a capital do estado e se beneficiam do apoio da Comissão Pastoral da Terra - CPT (...) assim que do Partido dos Trabalhadores - PT, onde se reagruparam militantes católicos, trotskistas e maoistas.

(...) Até uma comissão foi formada em Brasília para encontrar uma solução. Os índios e o sindicato dos trabalhadores rurais, cujo presidente local foi assassinado no dia 4 de julho ultimo, enviaram uma delegação.



Fonte: Pesquisa no Cidic.

5.3. A MORTE DE CHICO MENDES E A IMPRENSA

Como foi dito anteriormente, o assassinato de Chico Mendes vai tomar uma significação toda particular aos olhos da opinião pública estrangeira. O seringueiro de Xapuri, sindicalista e militante do Partido dos Trabalhadores, que lutava contra a derrubada da floresta pelos criadores de gado vai dar, mesmo na hora de sua morte, uma contribuição de grande valor na luta pela manutenção dos modos de vida, da cultura local e do meio onde sempre se viveu na Amazônia. Não o primeiro e nem o último líder sindical e militante amazônida que foi assassinado por aqueles que trazem o modelo “moderno” de se viver na região da floresta.

O maior símbolo dessa modernidade é a savanização dos territórios florestais para a produção de produtos de baixo ou muito baixo valor agregado. Aspecto esse que adentrou de forma depreciada nos discursos políticos de todos os matizes, mas que não permite que se esconda com isso de que se trata de uma marca cultural de maior importância tanto na história dos países da Bacia Amazônica, como da própria expansão mundial da cultura européia.

Essas questões são aos poucos levantadas. Mas na realizada fica a questão de se saber o porquê, quando o Brasil começou a incentivar a destruição maciça da floresta amazônica, os homens que operacionalizaram essa etapa da história brasileira reivindicavam para si um pertencimento de raça e cultural à esfera de influência européia. Pois na América Latina e esse deve ser um dos temas primordiais a serem tratados por nossas ciências sociais, a arena política é fortemente definida por um embate manifesto entre defensores de um europeísmo e outros que são apenas os excluídos dessa área cultural. O europeísmo é o caráter definidor e que dá os contornos mais nítidos do pensamento conservador e reacionário presente nos países latino-americanos. Manter viva a cultura que invadiu, colonizou e destruiu milhares de culturas locais é o sacerdócio do conservador no Brasil e na América Latina, o que significa a

exclusão mais violenta de que se pode pensar, a simbólica, de parte expressiva, senão a quase totalidade da população de vastas regiões desses países.

Quando Chico Mendes foi morto, ele o foi também porque o seu assassino estava autorizado a fazê-lo pela própria lógica intrínseca presente na cultura européia, de exclusão, de exclusividade de direitos a um único grupo étnico. Quando Chico Mendes foi morto ele o foi como um brasileiro típico, mestiço, caboclo, cuja negação da existência é uma atividade cotidiana tanto das elites conservadoras, quanto das instituições nacionais.

A contribuição da filósofa alemã Hannah Arendt é importante aqui para nós. Com ela é feita a ligação dos totalitarismos do século XX, centrados na Europa, e os processos de expansão colonial e imperialista do passado. Essa face visível, porque ocorre no centro irradiador da cultura dominante, é reveladora de parte de seus caracteres mais importantes e constantes ao longo da história. Contrasta com uma face invisível, a de uma realidade cotidiana, do desprezo pelo ser humano presente de forma tão arraigada na história latino-americana e que se reproduz de forma impressionante com forças renovadas. Quando Chico Mendes foi morto, ele repetiu uma história que é parte integrante e fundadora dos países desta região.

Chico Mendes ganhou o prêmio Global 500 da ONU, que o fez se tornar conhecido dos ecologistas do mundo. Quando a notícia de seu assassinato chega aos jornais há um certo número de pessoas capacitadas ao redor do mundo para informar a imprensa sobre quem era ele.

A floresta tropical destruída ganha um rosto. Chico Mendes, morto, vai personificar a luta pela proteção das florestas, pela vida harmônica junto com o meio natural. A maneira como a destruição da floresta e dos pequenos produtores se dá se torna inteligível, talvez pela primeira vez para o grande público europeu. Os textos dos artigos que relatam sua morte são simples, mas haverá de qualquer forma toda uma simbologia em torno de seu assassinato.

Esse fato vai marcar o ponto culminante do interesse da opinião pública européia, expresso pela imprensa, em relação à ecologia mundial. O gráfico abaixo é bastante representativo.

De uma maneira geral, podemos dizer que a preocupação com a questão amazônica está diretamente relacionada com fatores exteriores a ela mesma. A preocupação principal das pessoas está relacionada com a preservação da natureza, ou seja, saúde, bem-estar. Da mesma forma, houvera mudanças quanto à forma de se escrever sobre a Amazônia em vinte anos.

6. CONCLUSÃO:

De um modo geral, e na tentativa de responder às questões iniciais, podemos dizer que a importância que a questão ambiental, e a Amazônia, enquanto símbolo, tomou, está em estreita relação com fatores tanto internos quanto externos a si, como por exemplo os diversos aspectos econômicos envolvidos na percepção do ambiente enquanto portador de novos valores ligados a classes sociais bem determinadas.

A preocupação com o ambiente faz parte de uma esfera de valores pós-materialistas desligados das necessidades básicas de sobrevivência, que surge a partir dos anos 1960-70. Nesse sentido, a proteção ambiental é desejada de forma diferenciada segundo as classes e segundo os períodos históricos, sendo sobretudo uma aspiração dos estratos da sociedade mais abastados e com nível educacional mais elevado. É necessário que se faça novos estudos sobre a variação de apoio à proteção ambiental de acordo com variáveis como: períodos de crescimento econômico, recessão, variação da taxa de emprego, para se compreender melhor o comportamento do cidadão em relação a esses temas específicos.

O crescimento do interesse observado na Europa pela Amazônia precisa ser analisado como tendo beneficiado de aspectos conjunturais. Por um lado, por um período, apesar de curto, de prosperidade generalizada. E por outro lado, pelo aparato estatal de proteção ao ambiente ainda não existir institucionalmente. Alguns anos depois, a bandeira de luta pela proteção do ambiente vai se transformar de maneira significativa - o espaço imediato, local e nacional, passa a receber atenção redobrada.

Políticas públicas locais estão em medida de satisfazer as preocupações com o ambiente de parte significativa dos cidadãos dos principais países europeus. Isso não significará uma descontinuidade da popularidade dessas temáticas no que diz respeito às florestas tropicais. Muito pelo contrário, percebe-se que o ambiente continua sendo uma preocupação central para uma parcela importante da população, que se situa, de forma constante ao longo dos anos, sobretudo entre a esquerda e o centro-esquerda.

Os partidos políticos tradicionais aparentemente não perceberam ainda a constância com que perdura a preocupação com a proteção do ambiente na população em geral. No Reino Unido o Labor possui o seu conjunto de propostas de política ambiental, mas a população julga que as medidas tomadas não são suficientes. Na Alemanha e na França, a centro-esquerda incorpora em seus projetos de governo as políticas ambientais abrangentes dos partidos verdes através de coligações, o que muitas vezes criou dificuldades entre diversas pastas

quando essas chapas venceram as eleições (MAIR: 1996; JAHN: 1997; ROSS e JENSON: 1996).

Isso terá um duplo significado. Por um lado, as questões relativas à proteção do ambiente não podem ser compreendidas como capital político-eleitoral específico - que possui grande volatilidade, que surge em determinado período histórico e virá a desaparecer rapidamente segundo os efeitos da moda. Muito pelo contrário, podemos falar com bastante segurança que se trata de um capital difuso - complexo, enraizado em diferentes extratos da sociedade e que se mostra duradouro ao longo do tempo.

Os partidos de centro-esquerda que dirigem ou dirigiram a máquina governamental desses três países ainda não possuem uma real dimensão da importância do meio ambiente para a sociedade, o que é demonstrado pela expectativa do eleitorado nas pesquisas de opinião (WORCESTER: 1997).

Por outro lado, o ambientalismo, enquanto movimento, não pode ser reduzido a uma ideologia política que visa simplesmente suplantar o capitalismo, apesar de apresentar de fato uma contradição fundamental com este. O ambiente efetivamente se apresenta como um limite natural ao desenvolvimento e à reprodução do sistema capitalista de produção (O'CONNOR: 1996; BENTON: 1989; WILLIAMS: 1994).

O objetivo do movimento ambientalista não será de apresentar um novo modelo de produção econômica. Será mais acertadamente a apresentação de uma pauta de políticas públicas e de modelos de regulação do modo de produção existente. Apesar dos discursos que colocam em questão o modelo de consumo nos países ocidentais, a pauta política do movimento ambientalista, na maioria dos casos, apresenta proposições para modificar a atual forma de produção.

No entanto, apesar disso, as bandeiras ambientalistas não são tão facilmente incorporadas pelos partidos de centro-esquerda tradicionais pelo fato deles representarem justamente um modelo político-institucional cujos atos e decisões no campo da proteção ambiental são ainda tateantes ou claramente questionados.

O movimento ambientalista, seja através de ONGs, seja através dos partidos políticos, vai possuir, portanto, uma legitimidade própria e específica. Especificidade verificável sobretudo na forma de reconhecimento dado pela população ao seu discurso que inclui a incorporação de discursos de fundo científico. Com efeito, o movimento ambientalista, mais que o governo e as indústrias, consegue legitimar a sua interpretação científica aos fatos que ocorrem com o ambiente. Esse movimento, que pode vir a ser o avalista de um discurso sobre o real, portanto, foi quem criou e modificou, enquanto ator portador de significado social e político, a Amazônia. Conjunto simbólico que teve o seu papel

discursivo numa determinada conjuntura histórica, que corporificou um modelo de planeta, em que a natureza, protegida, poderia voltar a ser um dado cultural significativo para os seres humanos, sem que a racionalidade desses últimos buscasse a sua submissão incondicional.

NOTAS:

1. Falaremos da guerra das Malvinas como a primeira guerra da era digital. O desenvolvimento de uma técnica de tratar a informação proveniente do front desenvolvido pelo governo Thatcher durante o conflito com a Argentina foi retomado mais tarde pelos militares de outros países na guerra do Golfo Pérsico. Podemos citar como exemplo essa passagem de um artigo publicado no *Le Monde* sobre a Guerra do Golfo: "certas 'revelações' publicadas em Londres ou em Washington poderiam ser interpretadas como uma 'preparação' da opinião pública. O *Sunday Times* acredita saber que os iraquianos dispõem de uma terrível arma secreta, um avião sem piloto suscetível de espalhar vírus de antraz, fabricado a partir de um rústico aparelho de uso agrícola, lento, barulhento e fumacento, comprado há tempos na Polónia. O *Washington Times*, inspirado em fontes da CIA, olha do lado da República Checa, que estaria se preparando a vender a Bagdá radares modernos" (KRAUZE: 1997).
2. Ora, isso pede uma relação de confiança entre as instâncias de emissão das mensagens e de recepção. O tema da credibilidade do discurso dos meios de comunicação e sua relação com o mundo político é discutido pela ciência social, em por exemplo (BURGELIM: 1978).

BIBLIOGRAFIA:

BARTHES, R. "L'écriture de l'événement" in : *Communications*. Paris: 12, 1979.

BECK, U. "Global risk politics" in JACOBS, M. (Comp.) *Greening the millenium? The new politics of the environment*. Oxford: The Political Quaterly/Blackwell Publishers, 1997.

BENTON, T. "Marxism and natural limits: an ecological critique and reconstruction" *New Left Review*. Londres: nº 178, 1989.

BENTON, T. "Beyong Left and Right? Ecological politics, capitalism and modernity" in JACOBS, M. (comp.) *Greening the millenium? The new politics of the environment*. Oxford: The Political Quaterly/Blackwell Publishers, 1997.

- BURGELIM, O. "Les effets politiques des mass media" in BIRNBAUM, P. ; VINCENT, J.-M. (Comp.) *Critique des pratiques politiques*. Paris: Galilée, 1978.
- CASTRO, C.P. *La phase aéroterrestre de la Guerre du Golfe sur TF1, Antenne 2 e La Cinq*. Une analyse comparative. Paris: Universidade de Paris VIII, Maîtrise, 1996.
- COMMISSION COOPERATION DEVELOPPEMENT BarOsud: *l'image du Tiers Monde dans les médias*. Paris: La Documentation Française/Ministère de la coopération et du développement, 1992.
- DE CERTEAU, M. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975.
- GUIMARÃES, R. *Tierra de sombras : desafios de la sustentabilidad y del desarrollo territorial y local ante la globalización corporativa*. Santiago: CEPAL, 2003.
- GLASGOW UNIVERSITY MEDIA GROUP; ELDRIDGE, J. - Eds. *Getting the message*. News, truth and Power. Londres: Routledge, 1993.
- HABERMAS, J. *Théorie e pratique*. Paris: Payot, 1975.
- HABERMAS, J. *L'espace public*. Archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société bougeoise. Paris: Payot, 1993.
- HARRIS, R. *Gotcha! : the media, the government and the Falklands crisis*. Londres: Faber & Faber, 1983.
- JAHN, D. "Green politics and parties in Germany" in JACOBS, M. (comp.) *Greening the millenium? The new politics of the environment*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- KRAUZE, J. "Sur la Guerre du Golfe" en *Le Monde*. Paris: 15 de novembro, 1997.
- LIPIETZ, A. "L'Amazonie, mythe françias", in *Esprit*. Paris: Janeiro, 1991.
- MAIR, P. "Grã-Bretanha: trabalhismo e reforma eleitoral" in ANDERSON, P.; CAMILLER, P. (Comp.) *Um mapa da esquerda na Europa Ocidental*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- MARIN, L. "Pouvoir du récit et récit du pouvoir" in *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris : n° 25, 1979.
- O'CONNOR, J. "The second contradiction of capitalism" in BENTON, T. (comp.) *The greening of marxism*. New York : Guilford Press, 1996.
- QUERÉ, L. *Des miroirs équivoques*. Aux origines de la communication moderne. Paris: Aubier Montaigne, 1982.
- ROSS, G.; JENSON, J. "França: triunfo e tragédia" in ANDERSON, P.; CAMILLER, P. (comp.) *Um mapa da esquerda na Europa Ocidental*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- SMOUTS, M.-C. *Forêts tropicales junlge internationale*. Paris: Presses de Science Po, 2001.

WORCESTER, R. "Public opinion and the environment" in JACOBS, M. (comp.) **Greening the millenium?**The new politics of the environment. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

WILLIAMS, C. "From red to green: towards a new antithesis to capitalism?" in WILLIAMS, C.; HAUGHTON, G. (comp.) **Perspectives towards sustainable environmental development.** Brookfield: Avebury Ashgate Publishing, 1994.